



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**MARIA DO SOCORRO DE SOUSA MENDES DANTAS**

**LEITURA E ESCRITA: JANELAS ABERTAS PARA A SALA DE AULA**

**SOUSA - PB**

**2014**

MARIA DO SOCORRO DE SOUSA MENDES DANTAS

LEITURA E ESCRITA: JANELAS ABERTAS PARA A SALA DE  
AULA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Profa. Ma. Janine Vicente Dias

SOUSA – PB

2014

D192I Dantas, Maria do Socorro de Sousa Mendes  
Leitura e escrita [manuscrito] : janelas abertas para a sala de aula / Maria do Socorro de Sousa Mendes Dantas. - 2014.  
47 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância, 2014.

"Orientação: Maria Janine Vicente Dias, Departamento de Sociologia".

1. Pesquisa escolar. 2. Ensino fundamental. 3. Leitura e escrita. 4. Gêneros textuais. I. Título.

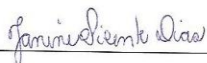
21. ed. CDD 372.4

MARIA DO SOCORRO DE SOUSA MENDES DANTAS

LEITURA E ESCRITA: JANELAS ABERTAS PARA A SALA DE AULA

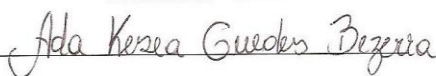
Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_



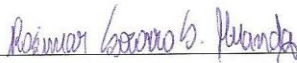
Professora Ma. Janine Vicente Dias

ORIENTADORA



Profª Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra

Examinadora – UEPB



Professora Rosimar Socorro Silva Miranda

2ª EXAMINADORA

SOUSA – PB

2014

“ Ser educador é ser um poeta do amor. Educar é acreditar na vida e ter esperança no futuro. Educar é semear com sabedoria e colher com paciência.”

Augusto Cury

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que em sua infinita sabedoria guia meus caminhos me proporcionando saúde, serenidade e disposição para enfrentar todas as etapas desta árdua caminhada.

À minha família, pelo apoio e compreensão, oferecidos de modo tão espontâneo durante toda a elaboração deste trabalho, bem como ao longo do curso de pós-graduação.

Sou grata á minha orientadora, professora Janine Vicente Dias. Graças à sua parceria, pude vivenciar minhas próprias etapas de leitura e escrita, durante o processo de pesquisa acadêmica. Obrigada pelas sugestões, além da paciência e incentivo na confecção deste trabalho.

Aos colegas educadores e gestora da Escola Estadual de Ensino Fundamental Cônego Manoel Jácome e, em especial aos educandos das turmas de 3º e 4º ano, o meu carinho em retribuição pela presteza em participar como cooperante deste importante trabalho

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo principal apresentar uma reflexão crítica a respeito das etapas desenvolvidas durante o processo de pesquisa escolar no ensino fundamental I (1º ao 5º ano), da Escola Estadual de Ensino Fundamental Cônego Manoel Jácome, que conta com a participação de três agentes cooperantes entre si: educador, educando e gestor. Para a realização deste estudo, a escolha metodológica se deu a partir de uma investigação teórica sobre o campo da leitura e da escrita e das estratégias voltadas a leitura informativa – leitura preliminar espontânea e seletiva indagatória – apresentada pelos educandos no momento da busca e seleção de textos e livros. Como resultado analisa a inferência do professor agindo como colaborador da pesquisa, ao mesmo tempo em que desenvolve várias atividades inovadoras no campo da leitura e escrita.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa escolar. Ensino Fundamental. Leitura e Escrita. Gêneros Textuais.

## **ABSTRACT**

This monograph presents the steps undertaken during the process of scholarly research in elementary school (1st and 5th year), State Primary School Canon Manuel Jácome, which includes the participation of three cooperating agents among themselves, educator, student and manager. Includes brief theoretical study about reading and writing strategies aimed at some informative reading - spontaneous and selective indagatória preliminary reading - presented by students at the time of the search and selection of texts and books. Also addresses the inference teacher acting as a collaborator in the research, while developing various innovative activities in the field of reading and writing.

**KEYWORDS:** Research school. Elementary Education. Reading and Writing. Textual Genres.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>CAPÍTULO I – A leitura como fundamento do conhecimento</b>	
1.1. Conceitos e definições de leitura.....	12
1.2. As práticas de leitura dentro e fora da escola.....	16
<b>CAPÍTULO II – A importância da leitura e de sua prática no desenvolvimento pleno dos alunos</b>	
2.1. A leitura e suas implicações na vida intelectual dos indivíduos.....	20
2.2. Materiais de leitura, metodologias e PCNs.....	24
<b>CAPÍTULO III – Análise dos dados</b>	
3.1. Análise dos dados coletados.....	31
3.2. Estudo de caso.....	31
3.3. Análise dos dados dos questionários dos professores.....	32
3.4. Caracterização da escola pesquisada .....	37
3.5. Análise dos dados dos questionários dos alunos.....	38
3.6. Análise do questionário do gestor.....	39
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	43
<b>ANEXOS</b> .....	45

## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico constitui-se de um estudo bibliográfico e de campo cujo tema: “Leitura e Escrita: janelas abertas para a sala de aula” que foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Cônego Manoel Jácome, localizado na Rua Lacordério Fernandes Dantas, 120, no município de São João do Rio do Peixe - PB.

Como se sabe a leitura, assim como outras atividades importantes para a educação, requer-se um estudo aprofundado, tendo em vista que ela tem demonstrado ser um instrumento viabilizador da autonomia, em especial na sociedade atual, em que o número de oportunidades aparece cada vez mais reduzido pelas exigências de formação especializada.

Os educadores constantemente enfrentam problemas em sala de aula, por que a maioria dos educandos das séries iniciais possui dificuldade de ler e conseqüentemente não conseguem assimilar as ideias que lhes são transmitidas nas aulas. Identificar, quais as práticas e situações que têm impossibilitado a aquisição da atividade de leitura, têm demonstrado ser um grande desafio para a educação nos dias atuais e têm estimulado os educadores a pesquisar sobre o tema leitura. Percebe-se também que a realidade atual vem afastando cada vez mais nossas crianças do ato de ler e escrever, pois o uso dos computadores, videogames, TV, acesso restrito a leitura no núcleo familiar e a falta de incentivo, têm ocasionado pouco interesse pela leitura e por conseqüência dificuldades marcantes que são perceptíveis no contexto escolar, a saber: educandos apresentam vocabulário frágil, reduzido e informal, dificuldade de compreensão, erros ortográficos, poucas produções com coesão e coerência, dentre outras. Diante disso, é imperiosa a necessidade de a escola buscar caminhos para ressaltar o valor da leitura como ato de prazer e requisito para emancipação social e promoção da cidadania. Para os educadores, ainda continua sendo um grande desafio encontrar práticas pedagógicas que se tornem subsidiárias a prática da leitura e escrita. Em muitas situações cotidianas em sala de aula, os textos são trabalhados de forma mecânica, sem prazer e sem real envolvimento dos alunos com a aprendizagem significativa e literária.

O importante disso tudo é saber se é possível melhorar o desempenho escolar dos alunos do ensino fundamental, partindo-se de uma maior atenção dada ao processo de aprendizagem da leitura. No entanto, o que parece uma simples questão de atenção por parte dos professores, tem-se revelado ser muito mais complexa diante dos inúmeros aspectos a que esta atividade encontra-se ligada.

Dada a relevância do estudo, surgiu a necessidade de se buscar os principais conceitos e

definições de leitura, como forma de entender os elementos estruturais que se tem a respeito da leitura. Por outro lado, encontram-se práticas pedagógicas desmotivadoras que só pioram a situação. E num contexto mais amplo, verifica-se o problema estrutural das escolas brasileiras que não oferecem subsídios para uma prática constante de leitura na escola.

Muitos outros aspectos são revelados ao longo do estudo sobre essa importante atividade, alguns nitidamente destacados na prática escolar, outros encobertos pela cultura educacional disseminada ao longo dos anos.

Nessa perspectiva, objetiva-se identificar as principais dificuldades encontradas pelos educandos no processo de aprendizagem de leitura, com o intuito de melhorar a aquisição de saberes. Além disso, busca-se analisar as metodologias dos professores frente à prática de leitura utilizada, assim como identificar as dificuldades de leitura.

A finalidade do estudo é fornecer ao máximo, informações sobre esse tema, além de levantar questionamentos e apontar as melhores alternativas para solucionar essa deficiência no ensino. Terá como público alvo: professores e alunos, pois somente atingindo essas duas categorias é que se torna possível transformar a realidade da sala de aula.

Esta pesquisa foi desenvolvida através do estudo de caso, pois é o que melhor se enquadra no perfil do estudo que está foi realizado, tendo em vista que a pesquisa objetiva ampliar a visão sobre a problemática em análise. A partir dos dados coletados através das repostas dos questionários, foi possível identificar os aspectos negativos que tem transformado a prazerosa atividade de ler, numa tarefa chata e enfadonha.

O primeiro capítulo intitulado “A leitura como fundamento do conhecimento” incorre numa revisão bibliográfica de grande parte das obras que versam sobre o tema, e é composto por dois subitens. O primeiro deles traz os principais conceitos e definições a respeito da leitura, como uma forma de identificar problemas intrínsecos nas concepções que se tem sobre leitura, pois muitas vezes os problemas são resultados de uma restrita concepção sobre leitura. O outro apresenta as mais comuns práticas de leitura dentro e fora da escola, para que se possa entender como é realizado o trabalho com a leitura e como ela é tratada fora do ambiente escolar. Ocorre que fora da escola tudo contribui para que a leitura seja vista como atividade difícil e sem muito fascínio, pois num mundo atual reinam os jogos eletrônicos, a internet e os aparelhos digitais, que consomem grande parte do tempo e da atenção das pessoas, em especial da criança em idade escolar.

“A importância da leitura e de sua prática no desenvolvimento pleno dos alunos” constitui o debate do segundo capítulo, pois traz as implicações da leitura e da falta dela, na vida intelectual dos indivíduos. O referido capítulo desdobra-se em dois subitens, um que

mostra a leitura como um instrumento viabilizador da autonomia, demonstrando que sua falta dificulta a vida intelectual dos indivíduos e outro, que apresenta os materiais de leitura, as metodologias mais frequentemente utilizadas pelos professores e as propostas dos PCN's para uma educação de qualidade, tendo a leitura como base fundamental do processo de ensino e aprendizagem.

Na sequência, passamos a “Análise dos dados”, enfatizando os principais aspectos dos dados coletados. Primeiramente, destacando-se o estudo de caso, e depois realizando o exame dos dados dos questionários dos professores, dos alunos e do gestor.

Por fim, apresentam-se as considerações finais, mostrando que a leitura é realmente uma complexa atividade de aprendizagem e que, há muito ainda para se analisar mediante a complexidade e relevância desta atividade para a educação.

Nestas circunstâncias, cabe aludir que qualquer estudo que tenha como foco a atividade de leitura deve ir além da análise da prática pedagógica dos professores no desenvolvimento das habilidades de leitura, deve antes de tudo identificar as dificuldades mais essenciais encontradas pelos educandos na aprendizagem e aquisição da leitura, como uma forma de melhorar a aquisição do conhecimento e, por conseguinte, facilitar a atuação dos indivíduos na vida em sociedade.

Com esse trabalho pretendemos não somente praticar a leitura e escrita, mas também contribuir com a socialização dos nossos educandos e aproximar cada vez mais a família da escola, pois durante o desenvolvimento das atividades do projeto teremos propostas em envolver a participação da família na construção do conhecimento dos seus filhos.

Portanto, este trabalho apresenta uma importância para a escola, pois estará contribuindo com a formação de leitores efetivos e escritores críticos e criativos, ao mesmo tempo em que, estará desenvolvendo ações que facilitam a compreensão e interpretação nas outras áreas de conhecimento, melhorando assim a participação e indicadores educacionais dos nossos educandos.

## 1. A LEITURA COMO FUNDAMENTO DO CONHECIMENTO

### 1.1 Conceitos e definições de leitura

É muito importante antes de qualquer discussão sobre leitura, ver, rever, questionar, criticar e ampliar o seu conceito. Nessa perspectiva, entende-se necessário compreender antes de opinar, visto que a compreensão permite uma maior segurança na hora do posicionamento acerca de qualquer tema. Além de segurança possibilita desprendimento para discorrer sobre o assunto. Dessa forma, é mais coerente buscar o que já se sabe, ou seja, recorrer ao conhecimento prévio a respeito do tema “leitura”. E o conceito que primeiro vem a mente é o de que leitura é o ato de pronunciar as palavras escritas, através do reconhecimento das letras. Apesar de muito pobre esse conceito esconde entendimentos importantes, como por exemplo, a ideia de que ler é compreender o que está escrito, ou seja, é decifrar letras e associá-las a sons. Porém, é preciso ir muito além daquilo que repentinamente vem a nossa mente, mesmo sabendo que esse conceito é aproveitável num primeiro momento como conhecimento prévio.

Quando, no entanto, os indivíduos têm acesso a conceitos mais elaborados, o quadro muda de figura, pois aumentam as chances de aquisição de um conhecimento mais aguçado, justamente por estar em contato com diversas concepções de leitura, desde as mais simples as mais singulares teses de doutorado, o que facilita a construção de ideias sobre a atividade de leitura e revelam características ímpares dessa atividade, que a princípio se apresenta apenas como escolar.

A leitura faz parte da nossa vida diária, por isso não devemos associá-la unicamente ao âmbito escolar. Na realidade, ela “é a extensão da escola na vida das pessoas” (CAGLIARI, 1995 p.148). Isso nos remete um problema bastante comum, que é a dificuldade que temos de ler. Ler, não no sentido do simples “decodificar” de letras, mas no sentido de realizar uma compreensão de mundo a partir da leitura.

Em diversos momentos do dia-dia as pessoas recorrem à leitura, às vezes para buscar um entendimento, uma reflexão e às vezes para realizar simples tarefas domésticas. Por exemplo, para procurar um emprego no jornal: é preciso ler as ofertas; Para fazer um bolo: é preciso ler sua receita. Para saber o conteúdo de um e-mail: é preciso ler suas palavras. E é assim que surgem situações delicadas para quem não sabe ler e para quem não valoriza essa atividade.

A importância de conceituar leitura e de ampliar o entendimento sobre essa atividade é de imensa significância na vida de todos. Apesar das situações acima mencionadas não

exigirem muito dos seus leitores, sabe-se que mesmo assim é significativa realizar uma correta interpretação e fazer com que a escrita cumpra sua função de transmitir as informações que busca o leitor.

Segundo Foucambert (1994, p.5):

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Acontece que para muitas pessoas a leitura não passa daquele primeiro conceito (obtido pelo conhecimento prévio), ou seja, a atividade de leitura resume-se a decodificação de letras e por mais que decodifiquem as letras de um texto, não conseguem extrair o seu sentido e então a leitura não alcança os significados desse último conceito analisado (o de Foucambert).

Essa situação é grave, por que o fato de restringir a leitura à simples decodificação impede os indivíduos de vislumbrarem um mundo de ideias que estão implícitas nos textos que leem. É como se a escola não cumprisse sua função por inteiro, que seria a de mostrar que a leitura possibilita a descoberta de um novo mundo, isso ocorre por que falta a compreensão sobre aquilo que se lê. Porém, a compreensão é inviável quando não há decodificação. Dessa forma, não se pode alimentar a discussão que coloca a decodificação e a compreensão em lados opostos. Na realidade, elas devem caminhar juntas, uma complementando a outra, num processo contínuo de decodificação e compreensão, pois segundo MARTINS (1994, p. 32): “Ambas são necessárias à leitura. Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível. Há que se pensar a questão dialeticamente”

Os educadores além de entenderem a necessidade dessa relação entre decodificação e compreensão, precisam buscar vencer todas as dificuldades que se apresentam no cotidiano da sala de aula, que impedem que a leitura seja realizada tendo objetivos, metas e autonomia.

Para MARTINS, (1994, p. 25): “A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo. Todavia, os próprios educadores constataam sua impotência diante do que denominam a ‘crise da leitura’.”

Essa crise que atualmente tem gerado muita preocupação é resultado da ausência de leitura de texto escrito, ou seja, as pessoas não cultivam o hábito de ler e essa situação é mais grave em relação aos livros. As leituras mais comuns são de revistas e jornais, os livros são deixados de lado.

Uma questão de relevância seria saber o que acontece na escola que impossibilita, tanto a aquisição de um conceito amplo de leitura, como também a percepção do seu valor na vida

dos indivíduos. Muitas vezes, os alunos saem do Ensino Médio com enormes dificuldades de compreensão de textos, sendo esse fato o resultado de uma prática descontextualizada da leitura na escola. Ocorre que:

A maior parte do tempo e do esforço gastos por professores e alunos durante o processo escolar, na assim chamada aula de língua portuguesa, é destinado ao aprendizado da metalinguagem de análise da língua, com alguns (e esporádicos) exercícios de língua propriamente ditos. (GERALDI, 2005 p.88)

O denominado “aprendizado da metalinguagem de análise da língua” realmente é muito valorizado nas salas de aula, prejudicando as demais atividades e em especial a leitura, por ser uma atividade que demanda um empenho maior do aluno em busca de sua autonomia.

Mas, o que seria esse “aprendizado da metalinguagem de análise da língua”? Seria todo o estudo relativo às regras gramaticais para utilização da língua, cujo processo demanda tempo e embasamento teórico. A leitura para muitos educadores é uma atividade “livre” de regras, e que por isso não exige muita atenção em sala de aula. Um erro grave e que deve ser avaliado. Esse grave erro advém de uma antiga postura alimentada nas escolas ao longo dos anos: de considerar que leitura é algo para ser realizada apenas nas aulas de Língua Portuguesa, mais especificamente nas aulas de literatura, quando na verdade é possível explorar a atividade de leitura em todas as disciplinas. Se os professores soubessem a mudança que poderiam proporcionar no estudo de suas disciplinas a partir de abordagens que suscitassem tarefas de leitura e compreensão dos conteúdos, um grande passo seria dado. Os problemas matemáticos seriam resolvidos com mais facilidade, os assuntos de biologia ganhariam sentido, enfim, tudo poderia ser visto de outra maneira. Os professores, por sua vez, não conseguem mudar essa realidade, por que talvez também tenham um conceito restrito de leitura e não compreendam o prejuízo dos alunos em relação a isso.

Enquanto não for modificada a ideia que se tem a respeito da leitura, os resultados continuarão sendo negativos. E para evitar que isso seja algo repetitivo é preciso incansavelmente discutir os problemas que envolvem a prática da leitura e as suas consequências, sendo o mais importante disso tudo, encontrar soluções.

Todos precisam entender que dentro e/ou fora da escola a atividade de leitura possui um valor imenso, pois significa um maior entendimento de mundo, além disso, aumenta as possibilidades de trabalho, facilita o saber propiciado pelas diversas disciplinas, etc.

A leitura é um grande aliado na aquisição do conhecimento e do saber, tão enfatizados em nossa sociedade letrada e por isso é o foco de tantos estudos e pesquisas; algumas produtivas; outras nem tanto, por não terem um objetivo específico. Alguns autores acabam

equiparando a leitura de uma criança que acabou de aprender a decifrar as letras a de um leitor maduro, veja:

O pesquisador em leitura, sob uma perspectiva psicolinguística, não está imune a esse tipo de expectativa. Ao pesquisar a leitura do ponto de vista do leitor ideal, ele pode incorrer no grave erro de esperar que se possa ensinar à criança as estratégias do leitor maduro. (ZILBERMAN, 1995, p.32).

Aquele educador que não tem uma visão ampliada sobre leitura pode frustrar as expectativas da escola em relação ao sucesso de seus alunos como leitores, por que vai querer sempre aplicar as estratégias de leitores maduros aos pequenos que estão tendo o primeiro contato com textos e significados.

Voltando à questão do conceito, pois não podemos perder esse elemento de foco, vale frisar que uma das mais completas concepções, talvez seja de Marisa Lajolo, citada por Geraldi (2005) que diz:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (GERALDI, 2005, p. 91).

Pode-se ainda considerar que a leitura é um processo de construção do saber, que permite o desenvolvimento intelectual e social dos indivíduos, visto ser uma exigência da nossa sociedade. Além disso, ajuda os indivíduos a tornarem-se cidadãos autônomos, a fazer valer sua vontade e a encarar o mundo e as pessoas de igual para igual. Na verdade, o ato de ler combate as manifestações de apatia existencial, por que preenche o vazio de ideias, o deserto do saber intelectual dos indivíduos.

Outro conceito que deve ser levado em consideração é o do livro “Práticas de Leitura e Escrita”, fornecido pelo Ministério da Educação:

A leitura é uma atividade que se realiza individualmente, mas que se insere num contexto social, envolvendo disposições atitudinais e capacidades que vão desde a decodificação do sistema de escrita até a compreensão e a produção de sentido para o texto lido. (MEC, 2006, p.21).

No conceito proposto, a atividade de leitura apresenta duas faces: uma individual e outra coletiva. Ela é individual do ponto de vista que leva em consideração a relação leitor/autor. E é coletiva por influenciar as relações entre os indivíduos componentes das sociedades letradas.

A ideia do Ministério da Educação nessa passagem foi mostrar que a decodificação do sistema de escrita é um processo importante, pois significa os primeiros passos de quem



começa a ler. Sendo necessário entender que a leitura não se restringe apenas à decodificação, mas envolve todo um processo de compreensão e produção de sentido, como já foi dito.

## 1.2 As práticas de leitura dentro e fora da escola

Tendo em vista a função essencial da leitura na vida dos indivíduos é oportuno discutir os principais problemas que afetam a parte da leitura que corresponde à compreensão e produção de sentido do texto. Para isso, é preciso analisar o processo de leitura dentro e fora da escola. Na escola, ler faz parte de uma das obrigações mais enfadonhas e chatas, pelo menos é isso que deixa transparecer os alunos. Tudo contribui para que os alunos a considerem assim: o tipo de leitura que é realizada, a forma como ela é trabalhada, o texto escolhido, o ambiente, a hora em que é praticada e principalmente o fato de implicar num mero cumprimento de dever. E essa idéia construída ao longo dos anos escolares se perpetua por toda a vida.

Mas, compreende-se hoje que:

(...) o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. (SOLÉ, 1998, p.33).

Com base nesse contexto, voltamos à questão da concepção de leitura adotada pelos educadores, que muitas vezes não se empenham em transmitir uma ideia mais ampliada sobre leitura, englobando os mais diversos fatores: culturais, históricos e sociais. Por outro lado, é importante não desconsiderar o problema da metodologia, ou melhor, das abordagens mal contextualizadas que afastam os alunos (e os não alunos) da atividade de leitura.

O educador comprometido com sua função, deve sempre proporcionar aos alunos momentos especiais de leitura. Mas, não de qualquer leitura, por que uma boa leitura deve ser feita sempre com muita atenção, sem falar que deve suscitar uma amizade do leitor com o autor. E dificilmente é possível realizar uma leitura dessa categoria numa sala barulhenta e desagradável.

Sobre a intervenção realizada pelos professores na leitura, vale mencionar que deve ser pautada com muito cuidado, sob pena do professor impor sua visão sobre o tema e acabar impedindo que o aluno tenha uma compreensão autônoma sobre o texto lido.

Há também o problema do momento da pausa, os alunos precisam entender que a pausa

é necessária quando se deseja pensar e sentir a obra, pois assim o aproveitamento torna-se bem maior. Todo detalhe é importante na hora da realização da leitura, até a forma de segurar o livro deve ser levada em consideração. Observe:

Tudo começa no próprio modo de segurar um livro. Afinal, trata-se de uma nova amizade, quem sabe eterna. O modo como apertamos firmemente a mão de alguém já não demonstra a simpatia inicial, a disposição de estabelecer boas relações? Pois o mesmo acontece com o primeiro 'cumprimento' que fazemos a um livro. (PERISSÉ, 2004, p.10).

Muitos autores culpam o texto dado aos alunos como ineficientes para desenvolver o prazer da leitura. Muitos desses textos fogem da realidade dos alunos, ou seja, não condizem com o universo no qual eles vivem. Outros autores afirmam que o problema não está no texto, observe:

Nessa perspectiva, não é o texto que determina as leituras, como pretendem as demais visões teóricas acima abordadas, mas o sujeito, não na acepção idealista de indivíduo, uno, coerente, por que dotado de razão, como queria Descartes...mas enquanto participante de uma determinada formação discursiva, sujeito clivado, heterogêneo, perpassado pelo inconsciente, no qual se inscreve o discurso. (CORACINI, 1995, p. 17 e18).

O sujeito, a partir daquilo que ele constrói na sua interação com o discurso viabiliza a leitura e os significados que se pode extrair do texto. Então, não é necessariamente o texto que determina as leituras, mas o próprio sujeito-leitor. O texto pode prejudicar quando se tratar de uma leitura bastante difícil e cansativa.

O excesso de informação, a falta de pausas na progressão temática e as falências de coesão emergem como obstáculos para a construção de esquemas que permitam a memorização. Os textos redundantes empobrecem ou tergiversam os temas abordados. (RODRIGUEZ, 1995, p.48).

Na escola, o professor deve trabalhar com textos leves, interessantes e que favoreça o desenvolvimento do aluno/leitor. Se o aluno realmente despertar o interesse pela leitura, ela deixará de ser uma exigência e passará a ser um hábito enriquecedor.

Fora da escola, observa-se no nosso país um acentuado desinteresse pelo livro, sendo este fato resultado da educação familiar que é dada desde cedo. A deficiência sociocultural do nosso país influencia os pais a comprar para seus filhos brinquedos, aparelhos eletrônicos (videogame, MP4, computador, celular) e etc.; Observe o que diz Perissé (2004):

As crianças que, desde os primeiros anos de vida, se habituam a manusear livros infantis coloridos e ouvem histórias inventadas pelos pais e avós; que, mais tarde,

leem aventuras cujos protagonistas são crianças da sua mesma idade... essas pessoas sentem um imenso prazer na leitura, por que experimentaram esse prazer de modo adequado às etapas da sua vida... (PERISSÉ, 2004, p. 10).

No mundo em que vivemos com tantas formas de entretenimento, os livros não fazem parte da lista de presentes que os pais preparam para os seus filhos, pois configura item exclusivo da lista escolar, ou seja, são vistos apenas como um componente escolar. Outro empecilho é o alto custo dos livros, que não seria um empecilho se nosso país não sofresse com os sérios problemas econômicos, afinal livro não configura gasto, mas sim um investimento, discussão que tratada em outro momento.

Os pais que realmente tem consciência da importância de se propiciar a leitura logo nos primeiros anos de alfabetização, procuram dar livros de presente as suas crianças, criar no quarto da criança um ambiente alfabetizador, pedir aos filhos que lhes contem alguma estória que eles saibam, enfim, fornecer uma ideia positiva do hábito de leitura.

Nas famílias onde ocorre o que denominamos práticas de leitura, os adultos contribuem para o desenvolvimento do conhecimento sobre a escrita e sobre a linguagem escrita. A contribuição pode ser mais direta, através da leitura de histórias, ou mais incidental, através da interação com o abundante material impresso urbano ou doméstico, tão comum em nossa sociedade atual (TEBEROSKY, 2003, p.19 e 20).

Geralmente, o primeiro contato do leitor com o livro corresponde a uma exigência escolar (Iracema de Alencar, O Cortiço de Aluizio, etc.) isso torna o ato de ler um dever desagradável pelo resto da vida, caso não se tenha outras experiências que sejam mais interessantes e espontâneas. Não, que tais obras sejam desagradáveis, mas pelo fato de não corresponderem aos interesses da maioria dos leitores, por não retratarem ambientes que caracterizam suas realidades.

Os professores ao exigirem essas leituras, fazem com boa intenção, que é a preocupação de despertar neles o interesse pelo saber, afinal é sempre bom realizar as leituras de renomados escritores. No entanto, por exigência curricular acabam exigindo leituras que fogem ao contexto em que os alunos estão inseridos.

Na verdade a leitura deveria ser uma das mais prazerosas atividades escolares, visto proporcionar o contato com diferentes mundos, pessoas, fatos, culturas, etc. Porém, falta às escolas estrutura e aos professores engajamento com essa atividade tão relevante na vida dos indivíduos, veja:

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma

desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem. (BACELAR & CUNHA, 2000, p.63).

As pessoas que não conseguem aprender a ler corretamente sofrem inúmeras restrições nas sociedades letradas, pois certamente terão dificuldade em conseguir emprego, em se relacionar, em dispor da tecnologia ao seu favor, etc.

Ler corretamente significa conseguir através da leitura, transportar as barreiras do pensamento e da imaginação, de forma a alcançar a autonomia na sociedade letrada. Mas, para que o sujeito possa utilizar o conhecimento como ferramenta para o seu desenvolvimento como cidadão atuante, ele precisa ter o amparo da escola e dos pais em casa.

## **2. A IMPORTANCIA DA LEITURA E DE SUA PRÁTICA NO DESENVOLVIMENTO PLENO DOS ALUNOS**

### **2.1 A leitura e suas implicações na vida intelectual dos indivíduos**

A sociedade contemporânea exige demais dos indivíduos e oferece um número mínimo de oportunidades que o necessário, gerando assim uma complicação na vida de quem não obteve uma formação intelectual favorável.

A leitura apresenta-se neste cenário, como um instrumento viabilizador da autonomia, e é ela que impede que os indivíduos saiam da escola analfabetos funcionais. Entenda-se por analfabetos funcionais: (...) “pessoas que, apesar de terem frequentado a escola e tendo ‘aprendido’ a ler e escrever, não podem utilizar de forma autônoma a leitura e escrita nas relações sociais ordinárias” (SOLÉ, 1998, p.32). Em outras palavras, pode-se dizer que analfabetos funcionais são aqueles que de certa forma “aprenderam” a ler e a escrever, mas não sabem dispor dessas ferramentas para obter sucesso e realização profissional.

O chamado analfabeto funcional aprende na escola unicamente a codificar e decodificar as letras. O analfabeto funcional é conhecido em outras ocasiões como “analfabetos para as entrelinhas”, que são aquelas pessoas que quando leem, além de só decifras as letras, ainda passam por cima de algumas palavras, parágrafos e às vezes de páginas inteiras. Veja Perissé (2004):

Guimarães Rosa falava dos ‘analfabetos para as entrelinhas’, que, acrescento, geralmente andam à cata de facilidades, de resumos, de técnicas milagrosas, de truques infalíveis. Não raramente são adeptos da leitura dinâmica, atalho pelo qual esperam devorar e ainda por cima entender num piscar de olhos um livro de duzentas, trezentas páginas. (PERISSÉ, 2004, p.16).

O “analfabeto para as entrelinhas” citado acima, remete a ideia do leitor preguiçoso que não está nem um pouco preocupado em sentir a obra, para ele o que interessa é saber apenas de que assunto trata o livro e fazer uma breve análise do posicionamento do autor a respeito da temática abordada. Isso não faz o menor sentido para os verdadeiros intelectuais que costumam discutir os elementos implícitos da obra, aqueles que só são revelados aos leitores, que estão atentos aos significados das entrelinhas.

Para evitar que os indivíduos que passam anos e anos na escola, saiam dela “analfabetos funcionais” é forçoso ensiná-los a utilizar a leitura como ferramenta de acesso social, mas para isso é preciso ler bem. E para ler bem é necessário viajar nas ideias do texto utilizando a imaginação e a criatividade; Buscando o sentido do que está sendo lido, mesmo que esse

esteja implícito; Desvendando a mensagem que o autor quis passar. Todas essas ações enriquecem a aprendizagem de quem ler, observe:

Aprender algo equivale a formar uma representação, um modelo próprio, daquilo que se apresenta como objeto de aprendizagem; também implica poder atribuir significado ao conteúdo em questão, em um processo que leva a uma construção pessoal de algo que existe objetivamente. (BACELAR & CUNHA, 2000.p. 77).

No entanto, mesmo quando se tem consciência de que o aprendizado e a atividade de leitura estão ligados ao desenvolvimento intelectual, social e cultural dos sujeitos participantes de uma determinada sociedade, o seu valor não é assimilado no grau que deveria.

Diante de tudo isso, ainda é possível encontrar pessoas que afirmam não ter tempo para leitura, outras dizem que não vão perder seu tempo com leitura, quando na realidade a atividade de leitura só vem acrescentar na nossa vida: conhecimento, experiência e sabedoria. No mínimo, em um texto pequeno, o leitor consegue melhorar seu vocabulário. Imagine, portanto, os benefícios que obtêm quem cultiva o hábito de ler todos os dias.

O problema é que só quem tem essa consciência são aquelas pessoas que já desvendaram o prazer de realizar essa complexa atividade que é a leitura. São pessoas que não se contentaram em dar apenas o passo inicial (codificação e decodificação), mas foram além, em busca de um mundo oculto apresentado pela leitura.

É certo que há pessoas que amadureceram intelectualmente sem que para isso tenha cultivado o hábito de ler, provavelmente tiveram boas amizades e profundas experiências:

A falta de leitura, em contrapartida, contribui para uma espécie de primarismo mental e emocional que, não há dúvida, pode ser – e muitas vezes é – prevenido e superado pela experiência repleta de boas amizades, de diálogos interessantes, de vivências profundas. Há pessoas que se conduzem com sabedoria e equilíbrio, e que chegam a um estágio de amadurecimento existencial por vias que não incluem necessariamente o contato (pelo menos direto) com bons livros. (PERISSÉ, 2004, p.23).

São casos excepcionais em que o contato com o conhecimento se deu indiretamente através de outras situações, que não seja a leitura. No entanto, quem deseja ser um sujeito autônomo de sua aprendizagem procura ele mesmo a fonte de saber - os livros.

Aqueles que se conformaram com a simples decodificação de letras não conseguem ver as vantagens do hábito de ler e por isso não se entusiasmam com a ideia de ler bons livros. A mera tentativa torna-se uma atividade difícil e frustrante. Seria interessante questionar: em

qual fase da aprendizagem cria-se uma ideia negativa a respeito da leitura? Os professores não conseguem fornecer uma resposta convincente, por que não estão convencidos de que certas leituras, que geralmente correspondem a exigência escolar, pode vir a atrapalhar as expectativas de um futuro leitor, que se vê obrigado a realizar uma tarefa sobre a qual não tem o domínio:

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente por que ela não faz sentido. (BACELAR & CUNHA, 2000 p. 81).

Talvez se existisse uma metodologia infalível para fazer com que os alunos compreendessem o verdadeiro sentido dessa tarefa em suas vidas ocorreria uma mudança significável, porém a questão metodológica é muito relativa, às vezes uma mesma metodologia produz efeitos diversos (de uma sala para outra, de uma classe para outra), vai depender muito da postura de educadores e educandos.

A preocupação com o despertar dos leitores se dá devido às implicações na vida intelectual dos indivíduos que almejam um futuro que tenha como base a educação. O sujeito que almeja um futuro profissional brilhante preocupa-se em adquirir um número maior de conhecimento, de informações, de saberes, e a leitura é um dos caminhos. Não se pode, no entanto, atribuir-lhe a função de única responsável pelo crescimento intelectual dos indivíduos, pois há outros fatores determinantes que envolvem discussões psicológicas, sociais, econômicas, biológicas e etc. O que nesse momento é importante arrazoar é que a leitura possibilita a conscientização de que é preciso investir no auto-aperfeiçoamento intelectual.

E para isso é necessário chegar a uma descoberta íntima do prazer de ler. Devemos tentar descobrir, sem medo de erros e decepções, uma leitura que de verdade proporcione prazer. Nunca é tarde para descobrir isso. Todavia, a maioria dos indivíduos prefere outras atividades como esportes, tv, passeios, etc.

Esse desinteresse pela leitura tanto pode ser uma questão cultural como também pode ser reflexo de algumas falhas na educação e nas tentativas de ler nos tempos de escola.

A criança que está fazendo uma leitura sem um objetivo específico pode ter falhas em sua compreensão, mas não detectá-las como problemas, situação essa que não ativa suas estratégias metacognitivas. A escola pode, então, oferecer atividades de leitura orientadas com o fim específico de criar situações que exijam a aplicação dessas estratégias. (KATO, 1995, p.135).

Aqui entra o professor como facilitador da atividade de leitura e principal responsável pelo conceito formado pelo aluno desde os primeiros anos de escola. No entanto, para que ele consiga despertar o interesse dos alunos pela leitura, ele precisa ser um leitor apaixonado. Um filho só acredita que uma comida é deliciosa se ele ver a mãe comendo com prazer, então ele resolve experimentar. Da mesma forma, ocorre com a leitura, como é que o professor que detesta ler conseguirá convencer seu aluno de que ler é uma atividade prazerosa. Na sala de aula encontramos atividades de leitura que não condizem com o ideal, pois geralmente o professor ordena que todo mundo leia em silêncio, ou então um só em voz alta; Às vezes ele mesmo ler para os alunos. Só que todas essas leituras são de textos didáticos que contém histórias totalmente fora do contexto de suas realidades. Questiona-se, como que o aluno vai se permitir viajar numa estória que ele não tem ideia de como seja. Isso desestimula qualquer leitor.

Outro aspecto de relevância, é o de que o espaço temporal reservado para a leitura na escola é muito curto e inadequado, já pensou ter que parar no melhor da história. É preciso tomar cuidado com isso, para que esses detalhes aparentemente inofensivos não atrapalhem a expectativa de um possível leitor.

As práticas desmotivadoras, perversas até, pelas consequências nefastas que trazem, por vêm, basicamente, de concepção erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto da linguagem. Elas são práticas sustentadas por um entendimento limitado e incoerente do que seja ensinar português (...) (BACELAR & CUNHA, 2000.p. 82).

Como já foi mencionado, os professores geralmente utilizam a maior parte do tempo para ensinar regras gramaticais, por que elas são muito cobradas em provas de vestibular e concursos. Mas, gastam pouco tempo na escolha da natureza do texto escolhido para leitura. Percebe-se que quase todas as aulas de línguas (seja a materna ou a estrangeira) os textos utilizados servem para o ensino de regras gramaticais. Não há uma preocupação mais acentuada nas aulas de línguas com outros elementos que não sejam o estudo da gramática, do vocabulário e de aspectos estruturais da língua.

Assim, o texto, parte do material didático, perde a sua função essencial de provocar efeitos de sentido no leitor-aluno, para ser apenas o lugar de reconhecimento de unidades e estruturas linguísticas cuja funcionalidade parece prescindir dos sujeitos. (CORACINI, 1995, P.18).

Porém, aos poucos isto vai sendo modificado, já é possível observar a cobrança de interpretação de texto nas provas de vestibulares e concursos. O que demonstra ser algo



extremamente difícil para quem não sabe ler, e isso pode impedir a realização profissional dos sujeitos.

Diante de tudo que foi discutido não há como negar a contribuição da leitura na formação intelectual dos indivíduos. Além disso, a ausência de boas leituras traz desdobramentos que vão além dos interesses profissionais, interferindo na vida familiar, no círculo de amizades, entre outros.

## **2.2 Materiais de leitura, metodologias e PCN's**

A preparação escolar obtida ao longo dos anos, muitas vezes, não é eficiente; Parte dessa culpa é atribuída à falta de leituras e também a sua limitação a textos pedagógicos. Em sua maioria, esses textos pedagógicos são preparados com base num só tipo de leitor, como se todos os leitores tivessem os mesmos objetivos, interesses e gostos.

Na sala de aula, encontram-se reunidos alunos com diferentes traços culturais, sociais e econômicos; e conseqüentemente leitores com características diferentes. O educador deve estar atento para este fato, pois com base nessa diversidade é que deverá ser feita a escolha dos materiais de leitura.

Algumas vezes, os educadores são conhecedores dessa realidade, mas ignoram tal situação. Outras vezes, se veem obrigados a seguir as exigências curriculares dos programas educacionais, elaborados por especialistas que não tem um contato direto com a sala de aula, e que, portanto não conhece a realidade.

Para os professores, cumprir as exigências de um programa elaborado por quem não conhece a realidade da sala de aula é muito desestimulante, e isso se deve a dois motivos: um que eles não poderão pôr em prática aquilo que têm em mente e o segundo motivo é ter que convencer os alunos que aquelas leituras são importantes. Além disso, não se pode desconsiderar que o dia-dia em sala é muito imprevisível, cheio de surpresas.

Por outro lado, é preciso entender que não há como os professores fugirem ou deixarem de cumprir as exigências pré-estabelecidas pelo currículo e mesmo quando lhes é dado espaço para a seleção dos textos, sabe-se que é muito difícil a tarefa de seleção, pois requer dos professores muito mais que se possa imaginar. Como afirmou SOLÉ (1998, p.37): “Todos os professores, de todos os níveis, têm experimentado estratégias, métodos, materiais... tanto para promover a leitura, quanto para compensar os déficits que alguns alunos manifestam ante ela”. No entanto, a dificuldade é muito grande e o professor tem que estar preparado para enfrentar os obstáculos que se impõem a sua função pedagógica.

Quando se trata de uma atividade pedagógica nesse nível, o professor precisa ser muito criterioso, tem que saber avaliar os materiais de leitura de acordo com os pretensos objetivos, com as suas concepções de aprendizagem e com as expectativas dos alunos em torno das leituras. Para Kaufman & Rodríguez (1995):

A tarefa de selecionar materiais de leitura para os alunos é, em todos os níveis e modalidades da educação, uma das tarefas mais árduas que o professor tem de assumir em sua atividade pedagógica (...) o objeto a selecionar passa a estarem sujeitos a juízos racionais em função de diversos critérios a determinar. (KAUFMAN & RODRÍGUEZ, 1995, p.45).

Como se vê, a tarefa de selecionar textos para leitura não é tão simples, por que não é fácil selecionar, criando uma harmoniosa relação entre o universo do discurso, as funções do texto, os processos de leitura e a compreensão do leitor. Nessa perspectiva, evidencia-se a competência do educador, que deve ter sensibilidade suficiente para discernir sobre os melhores textos para os alunos, para que assim eles possam sentir o valor de uma boa leitura.

Segundo Foucault (1994, p.10): “A escola deve ajudar a criança a torna-se leitor dos textos que circulam no social e não limitá-la à leitura de um texto pedagógico, destinado apenas a ensiná-la a ler”. A inserção dos textos, que circulam no social, no cotidiano do aluno é imprescindível para que ele se torne um leitor ativo, ou seja, um leitor que realiza vários tipos de leitura: leitura para buscar informação, leitura para aumentar o conhecimento, leitura para o entretenimento, etc.

Seria interessante trabalhar com textos jornalísticos (notícias, artigos, reportagens e entrevistas), com textos do cotidiano (receitas, cartas e bilhetes), com textos humorísticos (histórias em quadrinhos), textos publicitários (anúncios, cartazes e folhetos), entre outros. Desde que se tenham objetivos específicos estruturados, que visem tanto formar leitores como também facilitar o aprendizado.

Uma prática que consideramos altamente negativa é a de usar exclusivamente manuais, livros de leitura ou livros de atividades, embora se tenha escolhido os melhores. O respeito pela diversidade é essencial neste sentido: ampliar e não limitar seria a premissa básica. (RODRÍGUEZ, 1995, p.48).

Os textos se tornam mais interessantes quando abordam assuntos polêmicos e atuais. E essa deveria ser uma estratégia dos professores para atrair a atenção de leitores com dificuldades de concentração.

Não se pode trabalhar com leituras que não foram previamente feitas. E, também, não se pode cobrar prazer e envolvimento com leituras que não nos provocaram e com as quais não estabelecemos nenhuma relação significativa. Se isto é verdade para nós, leitores/adultos, que dirá para o leitor/criança (...) (MEC, 2006. p.129).

Não dá mais para continuar a empregar apenas as tradicionais histórias dos séculos passados. Devemos passar por cima de algumas tradições que só atrapalham a vida dos alunos; isso poderá ser feito através da inovação das leituras com temas da atualidade, que podem auxiliar muito os leitores a despertar um maior interesse em ler.

Mas, sabemos que modificar a escolha dos textos não depende só dos professores, a escola precisa dar sua anuência e os editores precisam acordar para essa realidade, caso contrário os alunos continuarão a ter que realizar as mesmas leituras de séculos atrás, observe: (...) a escola deve dar chance ao aluno de ler segundo sua variedade de língua e não obrigá-lo logo na primeira leitura a ler no dialeto da escola. (CAGLIARI, 1995.p.167)

Para ler é preciso usar a imaginação, os sentimentos, a memória, a inteligência e exercitar a concentração. O que é quase impossível quando a sala de aula não reúne os requisitos necessários para que a leitura flua: silêncio, boa iluminação, eficiente ventilação. As leituras superficiais e dispersivas, impostas aos alunos na sala, são obstáculos a mais na descoberta do prazer de ler.

Não se pode esquecer que a leitura vai influenciar na formação intelectual do aluno, como já foi visto, e que, portanto ela deve ter espaço privilegiado para discussão na escola. Os alunos seriam muito mais beneficiados se em determinados momentos, eles mesmos pudessem escolher os textos para leitura, já seria um avanço em busca da autonomia, sendo necessário para isso que as nossas bibliotecas tenham um acervo bastante variado.

Os PCNs recomendam que o acervo da biblioteca seja variado, que nos momentos de leitura livre o professor leia junto com a turma e que os alunos também possam, em alguns momentos, escolher as próprias leituras e levar os títulos para casa. (PRADO, maio, 2003 P.59).

Essa ideia de possibilitar ao aluno a escolha do texto ou do livro que irá ler pode justificar-se pela necessidade de formação de sujeitos autônomos, que tem a capacidade escolherem uma leitura condizente com sua realidade e experiência.

Porém, essa escolha deve ser sempre acompanhada por pais e professores, por que nem tudo que os alunos encontram para ler na internet e nos jornais contribuem para suas formações.

(...) a experiência do leitor é indispensável para construir o sentido, não há leituras autorizadas num sentido absoluto, mas apenas reconstrução de significados, algumas mais outras menos adequadas, segundo os objetivos e intenções do leitor. (BACELAR & CUNHA, 2000.p.91).

A partir daí, percebe-se o papel indispensável do professor, ora intervindo ativamente, ora abrindo espaço para o aluno agir de forma autônoma na construção e reconstrução dos significados daquilo que se apresenta na leitura.

Muito se fala a respeito do “ensino de leitura”. A leitura, neste caso, tratada em sentido amplo. A questão central é saber se é possível ensinar leitura, por que a maioria dos autores prefere acreditar que é um processo de aquisição autônomo. Segundo FERREIRO: “A língua não é um código criado racionalmente. Portanto, não pode ser ensinada por um método, seja ele qual for, que considere a leitura e a escrita simples mecanismos de decodificação e codificação de sinais gráficos” (FALZETA, 2006 P.36). Talvez seja preciso num primeiro momento, a orientação de um professor, mas em outros momentos implica o contato direto entre leitor/texto/autor.

Não são todos os autores que aceitam como possível o ensino de leitura, outros acreditam que é possível, apesar de ser um empreendimento de risco. Observe:

O ensino da leitura é um empreendimento de risco se não estiver fundamentado numa concepção teórica firme sobre os aspectos cognitivos envolvidos na compreensão de texto. Tal ensino pode facilmente desembocar na exigência de mera reprodução das vozes de outros leitores, mais experientes ou mais poderosos do que o aluno. (KLEIMAN, 1998. p. 27).

Por isso, o ensino de leitura ainda não teve uma recepção calorosa como deveria em momentos de crise como esse, em face da enorme complexidade que envolve o processo de aquisição de leitura.

Outro aspecto de relevância é a possibilidade que há do ensino resumir-se a mera reprodução das vozes de outros leitores, o que seria negativo, pois impediria a autonomia dos leitores no momento de posicionar-se a respeito de algum tema.

Se o leitor menos experiente foi desacostumado, pela própria escola, a pensar e decidir por si mesmo sobre aquilo que lê, então o adulto, pode provisoriamente, superimpor objetivos artificialmente criados para realizar uma tarefa interessante e significativa para o desenvolvimento do aluno. (Idem, 1999.p.35).

No entanto, a prática de impor objetivos artificialmente não pode ser repetitiva, pois assim os alunos nunca conseguirão por si mesmos, entender aquilo que lê nos textos. É preciso permitir ao aluno analisar sozinho, mesmo que ele construa uma visão errante do

texto.

Costuma-se barrar o processo de aquisição de autonomia por temer os erros dos alunos, mas errar faz parte da tentativa de acertar. E só o constante contato com a leitura possibilitará novas chances de acertar.

O leitor, no entanto, é móvel e tem um olhar indefinido, errante e criativo sobre o texto, que se permite ler em suas linhas e entrelinhas, desvelando seus sinais visuais e invisíveis. Isto só ocorre quando se dá o pacto entre texto e leitor, que o leitor não se arrisca a fazer. (MEC, 2006, p.91).

Nesse contexto, vale induzir que a compreensão do aluno sobre tudo aquilo que a escola, os professores e a sociedade falam a respeito da leitura é o que importa, por que por mais que se procure estimular, incentivar e facilitar o hábito de leitura, só o aluno pode realmente adquiri-lo tentando, ora errando, ora acertando os significados de seus atos.

Na realidade, não podemos forçar ninguém a fazer algo que não queira; O que podemos fazer é expor os motivos racionais para que a pessoa adquira o hábito de leitura. Além de ser maravilhoso e fundamental para a felicidade humana, ler bons livros fornece matéria intelectual e emocional para toda a vida.

Já que a responsabilidade com a educação é tanto da escola como dos pais, é interessante que eles trabalhem em conjunto ao longo dos anos escolares, a fim de possibilitar a formação de leitores desde cedo.

Mas, como isso pode ser feito? Os pais devem demonstrar interesse pelos livros e pelas histórias, para que a criança fique encantada com a possibilidade de desvendar esse curioso mundo da leitura. A escola, antes de tudo deve ter uma biblioteca, como diz (Prado,2003, p.59): Formar bons leitores significa encantar as crianças, enfeitiçá-las com o poder que vem dos livros. Mas isso não se forja com obrigações, muito menos com trabalhos sistemáticos de compreensão de texto.

É preciso que a biblioteca da escola ou do município, seja visitada sempre pelos alunos, não por obrigação escolar, mas sim pelo simples prazer de buscar o conhecimento e desvendar os mistérios do saber. A biblioteca da escola, no entanto, necessita ter livros com os mais variados conteúdos para facilitar o interesse pela leitura.

Se a biblioteca possui uma enorme variedade de temas, o aluno poderá escolher de acordo com o tipo de leitura que deseja realizar naquela hora e não precisará recorrer a outras fontes. A biblioteca deve conter livros para diversão, para auxiliar na escrita, para pesquisar determinado assunto, para descobrir algo, enfim cada leitura tem um objetivo específico.

É preciso deixar que o aluno escolha o livro que lhe interessa, seja pelo gênero, pela imagem, pela capa, pelas letras, pelo tamanho, e não por indicação obrigatória do professor. Sem dúvida, professores e pais que gostem de ler estimularão mais a prática da leitura por parte das crianças e dos adolescentes. (BEAUCHAMP, 2006/2007, p. 5).

Até o próprio ambiente da biblioteca pode influir na formação dos leitores, então, a escola, os professores e os pais devem unir forças para conseguir que esse ambiente seja tão atrativo como a internet, por exemplo.

É importante também organizar um espaço para a sala de leitura na escola e se possível em casa. Aliás, seria interessante criar cantinhos de leitura, bem atrativos, que acolham o aluno. Isso por que geralmente as bibliotecas de nossas escolas não são nada atraentes. “Muitas vezes, são espaços mal adaptados, mal pintados e mal iluminados, nada atrativos, que servem mais como um depósito de livros (...). Ainda ocorre de o espaço da biblioteca ou dos livros deixar de existir para virar mais uma sala de aula.” (Idem).

A biblioteca de uma escola é fundamental para uma educação de qualidade, por isso merece a atenção de todos: diretores, professores, alunos e funcionários. É nela que serão realizadas as escolhas de leituras, e, portanto deve ser um lugar atraente, onde o aluno sinta prazer em estar. Se o lugar for atrativo, ou seja, se for um ambiente organizado, limpo, ventilado e bem iluminado, convidará o aluno a voltar mais vezes.

Sabe-se que a educação, assim como outros setores de nossa sociedade, sofre com os desajustes econômicos e com a falta de estrutura econômica do nosso país. Isso, sem dúvida, acarreta muitos problemas, inclusive para as propostas de criação de bibliotecas. Em algumas escolas nem se pode contar com elas. Em outros casos, há bibliotecas, mas não há interesse da comunidade escolar de fazê-la cumprir sua função educadora, possibilitadora do conhecimento.

Por fim, vale concluir que mesmo com todas as dificuldades educacionais, sociais, econômicas e culturais que são impostas a atividade de leitura, são válidos todos os esforços de quem acredita que a leitura é fundamental, por estar na base do conhecimento científico e do desenvolvimento intelectual.

### 3. ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa ora apresentada tem uma abordagem teórica baseada no método de abordagem dedutiva, ou seja, partimos do estudo geral sobre a leitura e escrita até chegarmos ao “chão da escola”, buscando identificar nas salas de aula ora pesquisadas quais as dificuldades e fragilidades dos educandos e até mesmo dos educadores em trabalhar a leitura e escrita de maneira prazerosa e que venha se constituir como uma ferramenta do processo ensino-aprendizagem no contexto escolar.

Foram utilizadas algumas técnicas para a coleta de dados e análise dos mesmos. Os educandos responderam a entrevistas e os dados obtidos foram organizados e sistematizados e através de inferências pode-se melhorar a prática da leitura e escrita na escola pesquisada.

Através da pesquisa procurou-se desenvolver com as turmas envolvidas atividades pedagógicas visando a contextualização, contribuindo para que os educandos pudessem estabelecer uma aproximação entre os diversos gêneros textuais e o seu cotidiano e, resgatar o prazer da leitura e escrita, ao mesmo tempo motivar-se e refletir sobre o papel dos sujeitos leitores, suas preferências e intenções, ampliando sua visão e leitura de mundo, além da interpretação de diversos gêneros, usando as linguagens artísticas e desenvolvendo a competência leitora e escritora, através de produção de textos diversos, incentivando assim o protagonismo infanto-juvenil nas apresentações das mostras artísticas surgidas através dos textos. No decorrer da pesquisa foram desenvolvidas as seguintes atividades: Gincanas de Leitura, Concursos de Poesias e Poemas, Homenagem aos escritores são-joanenses, Workshop com trabalhos e obras dos escritores locais e elaboração do Jornal da Escola.

Aplicou-se também a metodologia da pesquisa-ação, haja vista, a pesquisadora ao mesmo tempo exercer o magistério na escola pesquisada e ao mesmo tempo contribuir na formação leitora e escritora dos educandos.

Segundo Thiollent (2002, p. 75 apud VAZQUEZ e TONUZ, 2006, p. 2):

“com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico”, o que promoveria condições para ações e transformações de situações dentro da própria escola.

Outros dois autores, Kemmis e Mc Taggart (1988, apud ELIA e SAMPAIO, 2001, p.248), ampliam esta forma de entendimento do conceito de pesquisa-ação com as seguintes palavras:

"Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa..." (KEMMIS e MC TAGGART, 1988, apud Elia e Sampaio, 2001, p.248).

Através da parceria professor e pesquisador agindo como colaboradores entre si foram alcançados resultados bastante satisfatórios, pois a experiência do professor-pesquisador é marcante no processo e sua contribuição valiosa.

### **3.1. Análise dos dados coletados**

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Cônego Manoel Jácome na Cidade de São João do Rio do Peixe, Estado da Paraíba. Contou com a colaboração do diretor, seis professores e dezoito alunos do 5º ano do Ensino Fundamental.

Todos tiveram que responder a algumas questões sobre leitura, pois o instrumento utilizado na coleta de dados foi o questionário, por configurar uma forma simples e direta de se abordar uma temática. A aplicação dos questionários (roteiro em anexo) se deu no período de outubro e novembro de 2013.

### **3.2. Estudo de Caso**

A pesquisa teve como metodologia o Estudo de Caso, por apresentar um procedimento bastante objetivo para coleta de dados e também por ser o mais adequado quando há apenas um objeto de pesquisa selecionado.

Entende-se por Estudo de Caso: "(...) uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados". (GIL, apud MATOS, 2001).

Na realidade, o Estudo de Caso proporciona uma grande facilidade operacional, e isso faz com que essa modalidade de pesquisa seja uma das mais utilizadas pelos investigadores, pois com um único objeto de pesquisa é possível obter grande quantidade de informações. "Diferencia-se dos estudos quantitativos porque estes últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos". (ROESE, apud Matos, 2001).

Dessa forma entende-se que a escolha pelo Estudo de Caso foi a melhor possível, tendo em vista que garante as informações necessárias, a partir de uma amostragem reduzida,



economizando custo e tempo e ao mesmo tempo proporcionando uma análise profunda do tema abordado.

### **3.3. Análise dos questionários dos professores**

A realização desta pesquisa, contou com a colaboração de seis professores, dos quais 05(cinco) deles possuíam curso superior, enquanto que apenas 01(um) o curso pedagógico. Quanto ao tempo de atuação em sala de aula, pôde-se constatar que variava entre 19 e 25 anos, exceto um deles que já tinha 31 anos de docência.

A aplicação dos questionários aos professores foi bastante tranquila, não houve problema em relação ao entendimento das questões, que eram curtas, claras e diretas. A primeira questão, para se ter uma ideia, tratava da preocupação dos professores na escolha dos temas de leitura a serem utilizados em sala de aula.

Nessa primeira indagação as respostas seguiram quase todas as mesmas linhas de raciocínio, que era a busca de textos atuais, com temas do cotidiano, que geralmente agrada a todos. Mas, é importante ter cuidado com as restrições e com as escolhas, pois:

Como toda ciência, a ciência cognitiva da leitura obedece a certos requisitos: a lógica é respeitada para apresentar premissas e conclusões; são usados métodos adequados para comprovar e analisar as evidências; teorias são descartadas quando a evidencia não suporta seus pressupostos. (OLIVEIRA, 2005, P. 52).

Isso significa dizer que sempre o que agrada aos alunos está ligado ao seu contexto social, ao seu cotidiano e que por isso os professores têm procurado explorar leituras que tenham temas instigantes, que auxiliem no despertar do prazer de ler. No entanto, estes requisitos lógicos de oferecer apenas leituras condizentes com a cultura do aluno, acaba o impedindo de conhecer e vivenciar coisas novas; é preciso, portanto, saber dosar a leitura um pouco de cada coisa.

É importante introduzir leituras diferentes, que apresentem contextos diversos, abordando outras culturas, para que os alunos possam conhecer o mundo através da leitura e saber respeitar as diferenças culturais, entendendo que há muitas coisas legais para aprender em outras culturas.

Os professores “A” e “B” demonstraram a necessidade de propiciar leituras com temas de diversos gêneros. Esta sim deveria ser a preocupação dos professores, por que é fácil gostar daquilo que faz parte do seu cotidiano, o difícil é fazer com que os alunos através da leitura desvendem um mundo novo, aprenda sobre outras culturas, reflita sobre as diferenças e

respeite todas elas.

Desvendar o mundo através da leitura, talvez esteja dentre os principais objetivos do aprendizado da leitura: “Este seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura”. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance: não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura. (MARTINS, 1994. P. 17)

Todo o trabalho dos professores centrado na leitura seria desconsiderado, se as leituras de seus alunos ficassem restritas a temas do cotidiano, por que a leitura proporciona o contato com o universo do conhecimento, devendo ela, portanto, ser bastante diversificada e permitindo o desenvolvimento da imaginação e da criatividade; para assim incentivar o aprendizado.

A segunda questão envolveu a subjetividade dos professores ao questionar se eles próprios se consideram exemplos de bons leitores. As respostas a este questionamento foram surpreendentes, até por que envolveu a subjetividade de cada professor e fez com que eles refletissem sobre suas posturas em relação àquilo que eles desejam despertar nos alunos.

Os professores “A”, “B”, “E” e “F” responderam afirmativamente, apesar das justificativas serem diferentes; o professor “C”, no entanto, respondeu conscientemente que “NÃO” e o professor “D” respondeu ser “MAIS OU MENOS” e assumiu não dispor de tempo suficiente para leitura, em função das inúmeras funções que desempenha.

Com base nas respostas, é possível afirmar que felizmente a maioria gosta de ler e com certeza deve auxiliar muito no trabalho de leitura com seus alunos. Mas, a resposta do professor “C” e do professor “D” apresenta um ponto inquietante que é a falta de tempo dedicado à leitura, o que demonstra uma contradição com a sua prática, pois, na maioria das vezes, queremos formar leitores e acabamos não dando o nosso testemunho.

Em nossa vida como leitores, lemos por algum motivo, e isso nos auxilia a selecionar o que vamos ler e determinar nosso modo de ler. Assim, segundo o tipo de informação de que precisamos, buscamos um livro, um dicionário, um jornal, um gibi ou outro portador de texto qualquer. (SMOLE & COUTO, 2005, p. 33).

O ideal seria que não só lêssemos quando estamos buscando informações, mas também por prazer, por hábito, ou seja, que fosse uma atividade espontânea e rotineira. O ruim é que para maioria dos professores a leitura está ligada ao trabalho e não ao lazer e a diversão, então não é difícil entender por que poucos gostam da leitura.

A consequência dessa visão a respeito da leitura pelos professores tem prejudicando em muitos aspectos a educação dos alunos, pois o professor que não é um bom leitor não

consegue transmitir uma imagem positiva da leitura; além do mais, ter “preguiça” de ler, leva os alunos a concluírem que essa é uma atividade nada interessante, por isso segue o alerta a comunidade escolar, apesar de serem poucos os professores com essa ideia a respeito da leitura, o prejuízo pode ser enorme, em face do número de alunos que passam por eles, todos os anos.

A terceira questão quis saber os tipos de leitura mais valorizados em sala de aula. A questão possuía como alternativas: leitura verbal, em grupo, coletiva, não verbal, silenciosa e individual.

Partindo das respostas obtidas, conclui-se que as leituras mais utilizadas são: a verbal, em grupo e individual. Em segundo plano está a leitura silenciosa e por último estão: a leitura não verbal e a coletiva.

A ciência cognitiva da leitura é necessária para se determinarem quais são os processos da leitura, por que não temos acesso consciente a eles. Ao lermos, só tomamos consciência do resultado da leitura e não dos processos que ocorrem entre a exposição ao material escrito e sua compreensão. (MORAIS & KOLINSKY, 2004, p. 16).

Há uma grande dificuldade em saber quais os processos de leitura e que tipo de leitura é mais adequado para cada etapa escolar. Acredita-se que cada leitura possui pontos positivos e pontos negativos, alguns prevalecem sobre os outros, o importante é que a escolha esteja de acordo com o objetivo da leitura.

Então, se o objetivo é trabalhar a concentração do aluno, o ideal é uma leitura silenciosa e individual. Porém, se o objetivo for um debate, a leitura em grupo, apresenta-se conveniente. O importante é adequar o tipo de leitura com o objetivo pretendido. Obedecendo a esta regra não haverá problema com os processos da leitura.

No quarto questionamento, abordou-se a metodologia aplicada nos exercícios de leitura. Os professores “A” e “B” chamaram a atenção para o ponto muito importante que é a explanação prévia acerca do tema abordado pela leitura. Quando se faz esta explanação, consegue-se perceber a empolgação dos alunos com a abordagem, isso instiga a atividade de leitura e ao mesmo tempo possibilita ao professor identificar se a leitura pretendida não gerará os frutos desejados. A explanação prévia serve para os professores como um termômetro do resultado a ser obtido com aquela leitura.

Os professores “C” e “D” falaram a respeito da aprendizagem da leitura através de práticas inovadoras, tais como: roda de leitura, cantinho da leitura, sorteio de livros, pesquisa e confecção de mural, promoção do festival de leitura, entre outras que possibilitam a

interação do professor com o aluno.

Para que um aluno desenvolva uma compreensão efetiva na leitura de textos, são exigidos tempo e investimentos de natureza diversa, seja em termos de oportunidades de leitura, dos tipos de textos a ele oferecidos para ler ou da diversidade de situações que exigem leitura e interpretação de textos. (SMOLE & COUTO, 2005, p. 32).

Geralmente os professores elegem uma semana durante o ano para realizar tarefas diferentes envolvendo a atividade de leitura. Isso favorece uma prática de leitura constante, por que mesmo sendo apenas uma vez no ano, os alunos percebem que a atividade de leitura pode ser explorada de diferentes formas, algumas muito divertidas, o que acaba tornando-se prazeroso para o aluno.

A última pergunta foi sobre as principais dificuldades dos alunos no exercício da atividade de leitura. Mais uma vez, os professores “A” e “B” foram concordes na resposta, indicando que a grande dificuldade está na pronúncia das palavras e também na pontuação. O professor “C” mencionou que ler textos grandes e produzir algo sobre eles é a grande dificuldade da maioria. O professor “D” apontou como dificuldade de seus alunos: a leitura de textos sem gravuras.

A resposta do professor “E” chamou a atenção para um problema muito discutido nos dias atuais, que a questão da compreensão daquilo que se lê. Muitos alunos conseguem decodificar as palavras sem muita dificuldade, mas se for para interpretar aquilo que leu, surge um entreve. Nem todos os alunos que leem conseguem compreender o que foi lido; um problema grave de grande repercussão na vida intelectual das pessoas. A leitura pressupõe entendimento, mas quando isso não ocorre, o ato de ler perde seu significado, mas:

(...) para chegar à compreensão do que leu e para aprender algo novo a partir de uma leitura, é necessário que ative conhecimentos anteriores, relacionados as ideias contidas no texto lido com aquilo que já se sabe, que durante a leitura ele indague, questione, levante hipóteses, busque e identifique o que é relevante ou secundário naquilo que lê. (Idem).

O professor “F”, por sua vez, respondeu que dificuldades há, no entanto, nada tão grave que não possa ser solucionado em sala, pois sempre que as dúvidas aparecem trata logo de tirá-las, despertando nos alunos o interesse pela leitura.

Dentro desse contexto, vale frisar que cabe aos professores estarem sempre atentos as possibilidades de atividade de leitura que melhor se adapte a cada série e a cada grupo de

alunos. Além disso, é preciso ter consciência da relevância da leitura no crescimento intelectual dos alunos, pois só assim será possível desenvolver uma prática cotidiana, que seja realmente eficaz no desenvolvimento da capacidade intelectual dos alunos. De outra forma, os educadores estariam contribuindo para o fracasso profissional dos indivíduos ao saírem da escola.

Os professores que já possuem essa consciência a respeito da leitura, conseguem melhores resultados com seus alunos, pois não parece ser possível que um educador que tem “preguiça” de ler, consiga expressar o verdadeiro valor da leitura para os seus alunos.

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo suas dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 1994, P. 34).

O professor possui uma participação muito significativa no desenvolvimento intelectual dos alunos, pois é ele que fornece as ferramentas necessárias para os alunos desenvolver a leitura. Desde o início, o professor serve como orientador da leitura do aluno, mas num dado momento, o professor deve dá espaço para o aluno desenvolver suas próprias habilidades de leitura e aprendizagem.

Finalizando a análise, é importante ressaltar que a pesquisa cumpriu sua função, pois forneceu os dados necessários para a realização da investigação. Foi possível saber um pouco mais sobre o que pensam os professores a respeito da leitura nos dias atuais e ver como eles estão trabalhando essa atividade de grande monta para a educação. Detectaram-se alguns problemas, que podem ser solucionados a partir de uma compreensão mais ampla do tema e com mais empenho dos profissionais da área. O problema que ganhou mais ênfase foi realmente a declaração sobre a “preguiça” de ler relatada pelos professores. Posturas assim refletem o tipo de formação que esse profissional obteve ao longo da vida e que vem sendo perpetuada em nossa geração, sendo, no entanto, motivo de preocupação e vergonha para a educação.

Vale mencionar que algumas respostas traduziram o despreparo dos professores para lidar com problemas que exigem um pouco mais de estudo, de conhecimento e de dedicação. A mola impulsionadora da educação nos últimos anos tem sido a dedicação por parte daqueles educadores que gostam do que fazem. Por outro lado, alguns depoimentos levam a crer que vale a pena lutar pelo pleno desenvolvimento da atividade de leitura nas escolas brasileiras, sendo enriquecedor saber que ainda existem professores interessados e competentes que se preocupam com seus alunos.

### 3.4 Caracterização da escola pesquisada

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Cônego Manoel Jacome é uma instituição de ensino de dependência administrativa estadual. A escola foi construída no ano de 1965, seu nome é uma homenagem prestada ao Cônego Manoel Jácome, são-joanense ilustre que, através do sacerdócio contribuiu com o progresso e o desenvolvimento deste município. O ato que autorizou o funcionamento dessa escola foi o Decreto Estadual nº 4.628 de 16 de julho de 1968. Situada a Rua Lacordério Fernandes Dantas, 120, Centro. A escola possui uma estrutura física de área territorial equivalente a 660 m<sup>2</sup> de área construída. Suas condições físicas são regulares. Consta de 13(treze) dependências, sendo: 05(cinco) salas de aula, 01(uma) sala de diretoria/secretaria, 02(dois) banheiros para educandos, 01(uma) cantina, 01(uma) sala de leitura/biblioteca, 01(um) laboratório de informática, 01(uma) cantina e 01(um) almoxarifado.

É ofertada na escola a educação básica nos seguintes níveis e modalidades:

I – Ensino Fundamental, dos anos iniciais (1º ao 5º ano);

II – Educação de Jovens e Adultos

A comunidade atendida é bastante heterogênea, com predominância da classe social desfavorecida, pois os educandos matriculados vêm de famílias carentes que residem em áreas próximas da escola e como também em algumas partes suburbanas. O perfil sócio econômico das famílias que são atendidas pela escola é bem diversificado e, registra-se que a grande maioria está situada na renda mínima e depende do Programa Bolsa Família.

O quadro docente é composto de 14(catorze) educadores, sendo 03(três) especialistas, 06(seis) com Curso Superior e 05(cinco) com Pedagógico.

A equipe gestora é formada por uma gestora com especialização em Psicopedagogia e uma co-gestora com Normal Superior. Conta ainda com 01(uma) professora no apoio pedagógico. Já o quadro de Pessoal de Apoio é assim constituído: 08(oito) auxiliares de serviço gerais, 03(três) merendeiras, 01(um) vigilante, 02(dois) inspetor de alunos e 04(quatro) agentes administrativos.

No ano de 2013 foram matriculados na escola 233(duzentos e trinta e três) educandos, sendo 187(cento e oitenta e sete) do Ensino Fundamental I e 46(quarenta e seis) da modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

### 3.5 Análise dos questionários dos alunos

O objetivo principal dos questionários dos alunos foi identificar quais os obstáculos que se apresentam no desenvolvimento das atividades de leitura e saber qual a concepção de leitura que prevalecem entre eles. Todos os alunos que responderam estavam no 5º ano do Ensino Fundamental.

A primeira questão perguntava o que eles mais gostam de ler e haviam alternativas para serem marcadas. As alternativas eram: gibis, contos, poesias, literatura infantil, jornais, textos do livro didático e folhetos. Como era de se esperar numa sala de quinto ano, a leitura preferida é a de gibis, no entanto, os gibis ficaram empatados com as poesias, o que é surpreendente. Em segundo lugar ficou os contos, depois a literatura infantil; em seguida, os textos do livro didático e os folhetos; e sem nenhuma indicação, ficou a leitura de jornais.

A leitura de jornais é considerada pelos alunos tediosa, além disso, são poucas ou quase nenhuma as notícias que interessam as crianças; geralmente trazem uma tragédia na capa, com uma foto bastante apavorante, portanto, justifica não ter recebido nenhuma indicação. O segundo questionamento era qual o tipo de texto que torna a atividade de leitura enfadonha. Em consonância com a primeira resposta, muitos alunos responderam que era a leitura de textos de jornais. Outros alunos consideram que os textos trazidos pelos livros didáticos, também torna a leitura uma atividade enfadonha.

É interessante ressaltar que alguns alunos acham enfadonha, a leitura de textos muito extensos e com palavras difíceis. Na realidade, há uma dificuldade muito grande de ler durante horas seguidas, principalmente no mundo de hoje, em que há infinitas possibilidades de distração na televisão e na internet.

O fato dos professores conseguirem identificar quais são as leituras consideradas enfadonhas pelos alunos, não significa que eles devem eliminar essas indicações de leituras. É preciso mostrar que cada texto traz aprendizagens importantes e que o problema das palavras difíceis deve ser resolvido, a partir de uma leitura acompanhada pelo dicionário, pois enriquece o vocabulário e aumenta as vantagens e aprendizagens sobre o texto.

A terceira questão sugeriu alguns lugares para os alunos indicar qual ou quais deles que passam mais tempo lendo. As alternativas eram: na escola, na rua, em casa e na biblioteca. O lugar mais indicado foi a escola e depois em casa. Foram poucos os alunos que responderam ler na biblioteca, quando na verdade esse lugar deveria ser o mais privilegiado.

A realidade é que não se cultiva uma prática de leitura nas bibliotecas das escolas. Até por que, o ambiente da biblioteca geralmente não é um dos mais atrativos. Em algumas

escolas sequer há biblioteca, em outras a biblioteca é uma sala esquecida, abarrotada de livros velhos. Mesmo não sendo o caso da escola em análise, é possível afirmar, com base nas respostas dos alunos, que a biblioteca de sua escola não é tão atraente como deveria ser.

A quarta pergunta foi bastante individual, pois se questionou quais as horas que o aluno mais gosta de ler e em lugar. A maioria das respostas foi dividida entre de manhã na escola e de tarde em casa; apenas um respondeu a noite.

Teve uma resposta que chamou atenção, pois o aluno afirmou que só lê quando não tem nada para fazer. Isso significa que a leitura é a última das opções. Não é bem a resposta que os educadores desejam ouvir, mas traduz a realidade de uma cultura empobrecida, em que não sobra espaço para o saber.

Por último, interrogou-se a respeito da postura dos pais em relação à leitura, perguntando se os pais deles costumam dar livros de presente a eles. A maioria respondeu que não recebem livros de presente de seus pais, alguns responderam que recebem livros de contos, gibis e livros religiosos.

Este último questionamento serviu para indicar que a culpa pelo desinteresse dos alunos pela leitura não é só da escola, ou dos professores, mas também das famílias que não procuram cultivar nos seus filhos hábitos saudáveis, como ler, que ajuda no desenvolvimento intelectual, moral e ético dos filhos.

É muito fácil criticar a escola e os professores, o difícil é assumir a parcela da culpa incumbida aos pais e a sociedade como todo, que está sempre valorizando outros meios de entretenimento, no lugar de divulgar a importância da atividade de leitura entre as crianças e jovens que compõe nossa sociedade.

É preciso divulgar a cultura do saber, para que o mundo possa modificar algumas de suas realidades desastrosas, só assim seria possível acreditar nos ideais educacionais que tanto se discute e que nada se alcança de concreto.

### **3.6 Análise do questionário do gestor**

O questionário do gestor foi formulado tendo como finalidade saber qual o modo que o diretor da escola se comporta com relação às atividades de leituras desenvolvidas no ambiente escolar. Primeiramente, questionou-se sobre que atividades de leitura extraclasse desenvolvidas na escola são mais importantes.

O diretor demonstrou participação e entrosamento nas atividades de leitura desenvolvidas na escola, e citou alguns projetos institucionais e de intervenções tratados em



sala de aula, como uma fonte muito importante de leitura, pois os alunos são influenciados a ler e produzir textos para poderem confeccionar seus próprios trabalhos e desenvolverem as pesquisas.

Abordou-se também a questão dos recursos disponibilizados pela escola para que os alunos tenham uma maior facilidade de desenvolver o processo de leitura. O diretor mencionou que a escola dispõe de um pequeno acervo bibliográfico, contendo livros didáticos e revistas, que ficam a disposição dos alunos.

Em seguida, a interrogação foi sobre reuniões, para saber se os professores se reúnem com ele para debater problemas relacionados à leitura. A resposta foi bastante clara, ao mencionar que sempre acontecem reuniões periódicas para tratar da questão da leitura e escrita.

É interessante que os professores se reúna com o gestor da escola para juntos buscar melhorar a prática educativa da escola, não só em relação às atividades de leitura, mas em relação a qualquer problema que surja, pois as responsabilidades devem ser sempre divididas.

A quarta questão trouxe uma reflexão bastante importante: é mais importante ler e compreender ou ler e decodificar. A resposta apesar de sucinta foi a mais acertada, por que ambos s processos são importantes e um não tem sentido sem o outro. Compreender é uma complementação da leitura, que exige todo um processo de decodificação.

Geralmente as pessoas não compreendem o significado daquilo que elas leem e mesmo assim acham que o processo de leitura está concluído, quando na verdade está incompleto.

Para finalizar o questionário do gestor, a pergunta tinha como intuito saber se na escola, desenvolve-se projetos e atividades direcionados a leitura. O gestor, mais uma veze, fez questão de mencionar os vários projetos desenvolvidos na escola para melhorar a leitura e letramento dos educandos. As escolas precisam acolher todos os projetos que visam desenvolver a leitura na escola e, além disso, os gestores devem incentivar os professores a elaborarem projetos a partir de sua experiência em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio as mais inovadoras tecnologias e formas de contato com informações e saberes, a leitura demonstra ser ainda a ponte para um processo educacional eficiente, pois é ela que exerce grande influência na formação intelectual dos indivíduos, desde os primeiros anos de escola até o fim da vida.

Os educadores precisam ver a leitura como uma aliada na luta pelo desenvolvimento das potencialidades intelectuais dos alunos, pois através dela é que os alunos adquirem conhecimento e saber, podendo assim viver de acordo com as exigências das sociedades letradas, não ficando à margem delas. Mas, para isso precisa mudar as metodologias que não produzem bons resultados.

Os problemas relacionados a leitura são de tal significância, que acredita-se nos dias atuais existir uma situação de “crise da leitura” e atribuem esta situação a diversas causas, dentre elas a precariedade das bibliotecas, o desinteresse dos alunos e a falta de incentivo dos pais.

Os pais que realmente tem consciência da importância de se propiciar a leitura desde cedo, devem procurar dar livros de presente as suas crianças, criar no quarto da criança um ambiente alfabetizador, pedir aos filhos que lhes contem alguma estória interessante, etc. Por outro lado, os pais que não entendem a importância da leitura, agem com indiferença em relação a ela e acabam prejudicando seus próprios filhos.

Na busca de identificar o que realmente tem prejudicado o desenvolvimento da atividade de leitura, foi realizada uma pesquisa de campo na Escola Estadual de Ensino Fundamental Cônego Manoel Jácome. Através desta pesquisa foi possível visualizar os principais empecilhos à atividade de leitura e saber quais as metodologias utilizadas que mais prejudicam a plena realização desta atividade.

Os objetivos do presente estudo foram atingidos, pois foi constatado que na prática tudo aquilo que vem prejudicando a atividade de leitura nas escolas públicas do Brasil estão relacionados ao conceito que se tem a respeito da leitura, à falta de estrutura das bibliotecas, as metodologias utilizadas pelos professores (ultrapassadas para época) e a falta de incentivo dos pais. Além disso, o estudo esclareceu também que a atividade de leitura é muito importante para a compreensão de mundo e conseqüentemente para o desenvolvimento das capacidades inerentes aos indivíduos que só são desvendadas quando em contato com o conhecimento; afinal de contas, ler significa conseguir através da leitura, transportar as barreiras do pensamento e da imaginação, de forma a alcançar a autonomia tão desejada nos

dias de hoje.

Mas, para que o sujeito possa utilizar o conhecimento como ferramenta para o seu desenvolvimento intelectual, social e quem sabe até econômico, ele precisa ter uma educação de qualidade e toda educação de qualidade privilegia o ato de ler.

O amparo na escola (por toda comunidade escolar) e em casa (pelos pais) é essencial para se ter uma educação de qualidade, e aqueles que desejam ser bem sucedidos profissionalmente, devem adquirir um número maior de conhecimento, de informações, de saberes, e a leitura é um dos caminhos que leva a obtenção deles.

É certo que não se pode indicar a leitura como a única responsável pelo crescimento intelectual dos indivíduos, pois há outros fatores determinantes, e isso é inquestionável. Mas, essa talvez seja a maneira menos onerosa e capaz de colocar os alunos das escolas públicas em igualdade de conhecimento com os alunos das escolas privadas.

Se houvesse mais investimentos na educação pública, especialmente com relação à formação e aos salários dos professores, e estes se dedicassem ao trabalho com a leitura, os alunos das escolas públicas brasileiras não teriam que se preocupar com a disputa por vagas nas universidades públicas, pois seria uma competição leal e isonômica.

No entanto, não é isso que ocorre, a realidade é muito diversa e cruel; quando os alunos das escolas públicas chegam à competição pelas vagas nas universidades e no mercado de trabalho, a disputa é sempre desleal, pois houveram ao longo dos anos sérios prejuízos pela falta de qualidade.

Por fim, vale ressaltar que o estudo traz um alerta aos jovens educadores, tendo em vista que a todo o momento foi mencionada a importância do professor e da metodologia utilizada por ele nas atividades de leitura e salientou-se que os problemas ocasionados por práticas desmotivadoras, pode refletir no desenvolvimento intelectual e atrapalhar toda sua vida.

Acredita-se que apesar dos objetivos do trabalho terem sido alcançados, a temática é muito abrangente e seria muita pretensão querer esgotar todas as discussões acerca dos problemas enfrentados pela atividade de leitura; a ideia seria promover uma reflexão profunda sobre o tema “Leitura”, para que todos a compreenda como uma complexa atividade de aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

- BACELAR, L. Pereira e CUNHA, Maria Josenilda Costa. **Metodologia do Ensino de Português**. UVA. Fortaleza.
- BEAUCHAMP, Jeanete. **Só quem lê pode ensinar o gosto pela leitura**. Entrevista. Pátio. Revista Pedagógica, Porto Alegre: Editora Artmed. Ano X. Novembro 2006/ Janeiro 2007.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione. 1995.
- CARVALHO, Maria Angélica Freire de, MENDONÇA, Rosa Helena. **Prática de leitura e escrita**. – Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CORACINI, Maria José R. Faria. **O jogo discursivo na aula de leitura: língua materna e língua estrangeira**. – Campinas, SP: Pontes, 1995.
- FALZETTA, Ricardo. Leitura, moral e ética. **In: Revista Nova Escola**. Editora Positivo. Novembro de 2006.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Local**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. – 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KAUFMAN, Ana Maria, RODRIGUEZ, Maria Elena. **Escola, leitura e produção de textos**. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: Teoria e Prática**. 6ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1995.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19ª ed. – São Paulo: Brasiliense. 1994.

MORAIS, José e KOLINSKY, Regine. **A ciência cognitiva da leitura e a alfabetização.** Capa. Pátio. Revista Pedagógica. Ano VII Nº 29, Fevereiro/ abril de 2004.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e. **Alfabetização e leitura de mundo.** Enfoque. Pátio. Revista Pedagógica, Ano IX, nº 33, Fevereiro/ Abril de 2005.

PERISSÉ, Gabriel. **Ler Pensar e Escrever.** – 4ª ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

PRADO, Ricardo. Biblioteca, tesouro a explorar. **In: Revista Nova Escola.** Editora Positivo. Maio. 2003.

SMOLE, Kátia Stocco e COUTO, Regina. **Uma roda de leitura nas aulas de matemática.** Cotidiano. Pátio. Revista Pedagógica, Ano IX, Nº 33, Fevereiro/abril de 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura.** - 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e escrever: uma proposta construtivista.** – Porto Alegre: Artmed. 2003.

ZILBERMAN, Regina S. SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.) **Leitura: Perspectivas interdisciplinares.** 4ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

ANEXOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES  
EDUCANDA: MARIA DO SOCORRO SOUSA MENDES DANTAS

Prezado (a) educando (a), este questionário tem como objetivo analisar dados e informações inerentes no processo de leitura, praticado dentro da sala de aula e será utilizado somente para fins acadêmicos.

**Inventário de interesses.** Os inventários de interesses consistem em um número de afirmações que os alunos fazem por escrito ou oralmente durante as entrevistas. Outras vezes, como no exemplo apresentado a seguir, são feitas afirmações incompletas que os alunos devem completar oralmente ou por escrito.

<b>Inventário de interesses</b>
- Adoro ler...
- Gosto de escrever sobre...
- Um dia vou escrever...
- Fico muito entretido quando...
- Meu programa favorito na TV é...
- Quando estou lendo, eu...
- Gosto de usar meu tempo livre em...
- Tenho dificuldade de entender uma leitura quando...
- Acho que as historinhas são...
- Eu leria mais se...

- Quando leio em voz alta, eu...
- Para mim, os livros de estudo são...
- Quando leio em silêncio, eu...
- Se tivesse de recomendar um livro, eu escolheria...
- Acho os jornais...
- Se tivesse de viver um ano em uma ilha deserta, eu levaria os seguintes livros...

### **Pauta de observação de atitudes diante da leitura**

	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pareceu contente durante as atividades de leitura?</li> <li>- Pediu para ler em voz alta espontaneamente nas aulas?</li> <li>- Leu algum livro durante seu tempo livre?</li> <li>- Mencionou ter lido algum livro em casa?</li> <li>- Escolheu a leitura em vez de outras atividades (baralho, pintar, conversar, etc.)?</li> <li>- Pediu permissão para ir à biblioteca?</li> <li>- Pediu livros emprestados na biblioteca?</li> <li>Leu a maioria dos livros até o final?</li> <li>Mencionou livros que tem em casa?</li> </ul>		

FONTE: Giasson e Trériault, 1983.